

PELO DIA DE AMOR (Concl.)

Alberto Lote Tcheco, 29 Fevereiro 2016



NESTA, e em qualquer relação de dominação, o dominante não está, como se viu, imune aos ataques e golpes certos e fugazes da dominada, que lhe move uma guerra sem tréguas.

Por isso, o homem não está confortável e também experimenta permanentemente uma tensão resultante da natural desconfiança do seu poder que lhe torna vidente da desobediência e das constantes armadilhas da mulher contra ele. Não é por acaso que, mesmo na posição de dominante, o homem vive frequentes momentos de angústia, depressão, nervosismo, etc. e a conversa masculina tende a ser sobre a mulher para concertação de posições de auto-defesa e ataques reais e imaginárias da mulher, o que não lhe permite, muitas vezes, gozar as vantagens que a posição lhe confere. A violência (verbal, física, material, social, etc.) que promove contra

a mulher expressa esse seu estado tenso que resulta em mais desgaste a si mesmo manifesto nas formas de comportamento mais horripilantes como a bebedeira, a instabilidade relacional com as mulheres, o amantismo/mulherengo, o desleixo familiar, o nomadismo, a irresponsabilidade, etc. Por isso, o homem tem, afinal, de encontrar outra forma de relacionamento consigo mesmo e com a sua parceira pois a manutenção deste status quo não é sustentável.

Como também não se deve acreditar numa relação real de total e eterno romantismo, mas de permanente e feliz esforço de emancipação, o homem tem de rever o seu paradigma de masculinidade, reconhecendo-se necessário, com bastante valor, respeitado, amante e amado incondicionalmente pela sua eterna parceira sem recorrer a expressas formas e fórmulas extensivas de dominação e superioridade sob pena de ser vencida por uma guerrilha cada vez mais forte ao ponto de o derrotar na sua fortaleza masculina condenada a se auto-desagregar se continuar a ser mantida pela musculatura física, intelectual, material, financeira e política. Na posição em que se encontra actualmente, o homem de visão tem de se sentir bastante privilegiado para se sentir desrespeitado e violentado pela mulher e os mais inteligentes, espertos e maus até promovem o igualitarismo, que nada mais é do que a masculinização da mulher, capturando-a para fortalecer o seu exército contra o movimento feminista, que só pretende substituir o homem pela mulher.

As mulheres e homens que anseiam por uma verdadeira emancipação da mulher estão preocupados com a direcção da acção feminina que é outra coisa que uma verdadeira revolução. A citada autora reconhece que o factor industrial e revolucionário podem ter iludido a mulher de que se podia libertar da dominação mas tal não aconteceu porque estes fenómenos foram e são ainda dirigidos pelos homens e a criadagem, que evita a alienação directa da mulher como uma serva, ilude-a da sua real condição ao se tornar ela também uma dominadora/patroa a quem lhe são prestados serviços por outras mulheres. E para ilustrar que a luta opõe homem e mulher, cita o dirigente revolucionário Fidel Castro que “depois de reconhecer a contribuição das mulheres na luta pela revolução (...) pediu-lhes que voltassem aos seus papeis tradicionais, [advertindo-as] que 'Quem dará de comer às crianças quando voltam da escola? Quem tratará dos bebés e das crianças em idade pré-escolar? Quem cozinhará para o homem quando este voltar do trabalho? Quem lavará e limpará? Quem tomará

conta das coisas?”, provando assim que o homem, o senhor, não pode libertar a mulher, a sua serva.

A Germaine Greer vê com muita preocupação a moderna forma de masculinização e dos esforços estéreis das mulheres para se libertarem. Apelando a uma verdadeira revolução, capaz de resultar em mudanças radicais, observa quanto esta é erradamente concebida pelas mulheres e explica que “reagir não é revolução. Não é sinal de revolução quando os oprimidos adoptam o comportamento dos opressores e, por seu lado, também oprimem. Nem é um sinal de revolução quanto as mulheres imitam os homens ou quando se abrandam as leis [contra a discriminação da mulher] ”. Ela entende que a pretensão de muitas mulheres de se igualar a homens é uma estratégia que favorece o próprio mundo masculino porque o próprio homem, dominante, não está livre e as mulheres dominantes que se lhes igualam favorecem e fortalecem o papel masculino pois, não raras vezes, essas mulheres dominantes, elas próprias, tornam-se inimigas das mulheres.

As propostas libertárias desta feminista são muito discutíveis mas este levantamento que faz da condição da mulher e do homem e o seu relacionamento tem muito mérito por descobrir uma faceta anti-romântica do amor presente na mulher e no homem, condicionada pela sua relação de dominação ainda que a estratégia de sobrevivência da mulher esteja camuflada na alegria pelo servilismo ao homem. É esta a realidade tenebrosa e criadora dum romantismo estéril porque é duro e nojento constatar este outro lado real e encoberto das relações entre o homem e a mulher.

Mas, bem visto, só o desejo de dominação é que permite este amor fracassado presente logo que termina o namoro porque no amor se estabelecem promessas e juramentos que atentam contra a liberdade de cada um deles. Mas o reconhecimento da realidade descrita pela autora é aquela que é vivida no namoro. Neste, a liberdade de cada um continua garantida embora nenhum deles tenha alguma prerrogativa sobre o outro e, admiravelmente, é quando os efeitos desta prerrogativa são vividos intensa e apaixonadamente. Deve ser a necessidade de garantir o que de bom se vive neste momento o que leva cada um deles a pretender “amarrar” o outro. Não significa que esta necessidade de segurança seja injusta, indevida e desaconselhável. A segurança é uma necessidade básica dum ser e mesmo um ser inorgânico move-se para a estabilidade, conformando-se com a lei natural e o homem, que além desta, é gerido por outras

leis a que tem de se assegurar a sua conformidade com elas, tem de haver mecanismos de força que garantam a sua segurança. O que se depreende, para uma maior e sã vida amorosa entre a mulher e o homem, é a mudança de paradigma em que ao amor se deve reconhecer a existência do seu oposto ódio, o ressentimento e a guerra ao desejado romantismo. Este estado contribui para o realismo e maturidade, evitando-se os excessos de amor como de ódio, de esperança como de desespero, de segurança como de insegurança, de egoísmo como de adoração ao outro como se fosse Deus, de tolerância como de intolerância, etc. O resultado seria um estado de namoro onde cada um, mulher ou homem, fica sempre vigilante e toma as devidas e oportunas medidas comportamentais que mais cultivam e garantem a estabilidade emocional e o verdadeiro amor, o namoro.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/analise/51640-pelo-dia-de-amor-concl>